



EDUCAÇÃO SEXUAL X EDUCAÇÃO INFANTIL: O OLHAR DA PEDAGOGIA

Samuel Cole P. das Neves ¹
Jaqueline Ramalho Nogueira Santos ²

INTRODUÇÃO

A educação sexual é compreendida muitas vezes como um assunto só para adultos e, de acordo com Yano & Ribeiro (2011), uma grande quantidade de mitos, preconceitos, medos e preocupações desnecessárias poderiam ser poupadas com esclarecimentos suficientes para a formação da autoimagem infantil, o que pode ser feito por uma apresentação didática da anatomia humana, não apenas na escola, mas também em casa.

Assis & Bonne (2017) evidenciam que falar sobre sexualidade é um grande desafio dentro da escola, principalmente na educação infantil. Reis, Muzzeti & Leão (2014) ressaltam que a sexualidade, quando relacionada à infância, ainda hoje, é pouco falada e explicada e, por isso, permanece como uma terra incógnita para os adultos que a vivenciam como uma temática assustadora e, muitas vezes, proibida.

Com isso, frente à grande relevância da educação sexual para o desenvolvimento infantil, assim como a inerência desse contexto na composição fisiológica de cada ser, este trabalho aborda diferentes aspectos interligados a esse processo dentro da escola, evidenciando possíveis métodos de atuação dos profissionais para com a temática, com enfoque na ação da pedagogia.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão narrativa da literatura com abordagem qualitativa. Quanto ao levantamento bibliográfico, aproveitaram-se bases de dados como Scielo (Scientific Electronic Library Online), Google Acadêmico e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) utilizando os descritores “Educação Sexual”,

¹ Graduando do Curso de Pedagogia do Centro Universitário São Camilo-ES, samuelpdasneves2016@gmail.com

² Mestre em Ciências Políticas pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro IUPERJ/UCAM - RJ, jaquelinesantos@saocamilo-es.br



“Pedagogia” e “Educação Infantil”. O levantamento bibliográfico ocorreu no período de março a agosto de 2023 e buscou selecionar apenas textos nos idiomas inglês e português.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao situar o lugar da educação sexual na contemporaneidade, Reis, Muzzeti & Leão (2014) enfatizam que, especialmente ao final do século XX, ela tem sido foco de longos e intensos debates entre professores, médicos, pesquisadores, psicólogos e órgãos governamentais. Paraná (2009) relembra que, longe de terem qualquer pretensão de finitude, os entendimentos inerentes à educação sexual são aqueles que procuram mostrar o quanto os trabalhos pedagógico e docente estão, rigorosamente, articulados.

Segundo Suplicy (1999), a criança que recebe esclarecimentos acerca de questões relacionadas à sexualidade futuramente tem maiores possibilidades de entender e adquirir responsabilidades com o próprio corpo, com a sua saúde e higiene. Santos & Rubio (2013) pressupõem um trabalho educativo comprometido em promover a autonomia do educando, buscando superar padrões de comportamentos hierarquizados e estereotipados, superando preconceitos e tabus através da compreensão dos aspectos sócio-históricos-políticos que influenciaram na construção dos mesmos.

Reis, Muzzeti & Leão (2014) destacam que falar de sexualidade na escola demanda um arcabouço teórico e humanista no tocante à temática, o que segue em direção à superação do senso comum como forma de conhecimento. Por isso, somente por meio de uma abordagem histórica e cultural acerca da construção da sexualidade do homem, pautada em um entendimento científico do desenvolvimento psicosssexual da criança, que se pode desenvolver um trabalho reflexivo de educação sexual na escola, que por seu turno também se proponha a analisar as manifestações da sexualidade infantil.

Paraná (2009) reforça que a educação sexual deve começar na infância e, portanto, fazer parte do currículo escolar – as temáticas discutidas na educação sexual são conhecimentos imprescindíveis à formação integral da criança e do/a jovem. O sexo, o gênero, a sexualidade, a raça, a etnia, a classe social, a origem, a nacionalidade, a religião, por exemplo, são identidades culturais que constituem os sujeitos e determinam sua interação social desde os primeiros momentos de sua existência.

Nesse sentido, Reis, Muzzeti & Leão (2014) inferem que a intervenção em educação sexual escolar precisa levar e conta o contexto das crianças envolvidas, ao passo que os assuntos relacionados à sexualidade devem ser discutidos de uma forma muito natural, de acordo com as necessidades encontradas em cada turma em particular, visando, assim, uma compreensão infantil gratificante dessas questões. Paraná (2009) expõe, por exemplo, que a linguagem plural, usada na Educação Sexual, deve contemplar tanto o conhecimento científico, quanto o conhecimento popular/cultural – a Escola deve considerar igualmente válidos, os saberes populares (do senso comum), e os saberes sistematizados pela humanidade ao longo de sua história (o saber científico). Ambos são constituintes das experiências dos sujeitos e são expressões da multiplicidade linguística sociocultural humana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2017) relembra que, na Educação Sexual, além do conhecimento do corpo, está presente também o cuidado com o corpo, como forma de higiene e promoção da saúde física. A falta de higiene com o corpo pode nos causar inúmeras doenças, sendo assim, esse é um assunto que deve ser discutido e praticado durante todas as fases da vida. Santos & Rubio (2013) ainda ressaltam que para as crianças, não é preciso forçar e dar mais informações do que o necessário, pois existem muitas coisas que elas não querem, não entendem e não precisam saber, pelo menos na infância. Assim como a sexualidade é algo de nossa natureza, tanto as descobertas e dúvidas, surgem naturalmente.

Paraná (2009) defende que a educação sexual pode discutir valores como respeito, solidariedade, tolerância... E assim, questionar preconceitos – sempre que possível, as atividades programadas devem levar as crianças e jovens a refletir sobre a importância de se aceitar “o outro”, “o diferente”. Essa educação pode ser vista como uma forma da Escola contribuir para a diminuição das desigualdades sociais, na busca pela paz, contra as muitas formas de exclusão baseadas no sexo (o sexismo e o machismo), no gênero (a misoginia), na raça (o racismo) e na sexualidade (a homofobia, a lesbofobia, a transfobia), na origem e classe social (a xenofobia). Resgatar valores humanos e considerar a diferença como positiva é contribuir para uma sociedade onde as pessoas sejam, efetivamente, mais felizes

Outro tema pertinente e que justifica a educação sexual nas escolas é a violência de cunho sexual. Em trabalho realizado por Yano & Ribeiro (2011), para as crianças, dentre as pessoas citadas que realizaram violência a maior parte foram familiares ou dentre outros

agressores sexuais, namorados e maridos. Tal fato ilustra o grande perigo eminente em possíveis casos de violência sexual em ambiente doméstico, elucidando que a prática da educação sexual é útil não para apontar alvos, mas para delimitar ações consideradas inapropriadas quanto ao próprio corpo, tendo em vista que no trabalho analisado as crianças consideravam violência sexual apenas quando ocorria o ato sexual forçado e outras situações de violência/abuso sexual não eram caracterizadas como forma de violência e/ou abuso sexual.

Santos & Rubio (2013) ressaltam que toda criança tem suas dúvidas sobre a sexualidade, e quando não sanadas, elas acabam por descobrir por si próprias, devido à facilidade de acesso aos meios de informação e comunicação. Na maioria das vezes, elas acabam construindo conceitos errados, que não vão contribuir construtivamente para sua vida no futuro. Muito pelo contrário, se a criança não receber as informações devidas, conseqüentemente vai desconhecer os riscos em que poderão estar expostas no futuro. A satisfação de tais curiosidades contribui para que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto a não-satisfação gera ansiedade e tensão.

Nesse viés, Paraná (2009) delimita que a idade adequada para que seja discutido este assunto não pode ser dita, sabendo que tudo depende de maturação cognitiva e física da criança, pois a partir do seu crescimento e de sua evolução é que vai se descobrindo e tendo dúvidas sobre seu corpo. É imprescindível ressaltar que o trabalho com os anos iniciais acerca desse tema é relevante, pois o desenvolvimento emocional e sexual acontece não só em adultos, mas também em crianças, tendo em vista que o crescimento psicossocial ocorre em todos os estágios do desenvolvimento infantil.

A Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2017) aponta que faz-se importante que seja reconhecido que o trabalho com a Educação Sexual infantil está diretamente associado ao amor, ao respeito, e ao direito a apropriação do conhecimento. Nesse sentido, educa-se sexualmente para que se possa auxiliar os sujeitos na busca pelo seu bem-estar, no entendimento e aceitação do próprio corpo, pelo conhecimento, cuidado e prevenção. Busca-se desenvolver na criança, a autoestima e condições para que se sinta segura na busca de ajuda e ou informações quando necessário. Compreender a sexualidade sem preconceitos, tabu ou culpa e assim relacionar-se de modo respeitoso e com responsabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante aos diversos obstáculos na aplicação das diferentes facetas que provêm da educação sexual infantil, entende-se que essa temática não é facilmente abordada desde a infância. Embora englobe aspectos como higiene corporal, igualdade dos seres, prevenção ao abuso infantil e sexualidade segura, alguns entraves são pungentes na prática desse viés tão importante.

É inegável que existem oportunidades e desafios na prática infantil da educação sexual. Delimita-se como papel da psicopedagogia o enfrentamento dos obstáculos e aproveitamento das situações oportunas para que seja alcançado o ensino satisfatório acerca do tema, ressaltando que o mesmo constituirá um dos pilares para que a criança venha a se tornar um adulto consciente de si, seu corpo e sua atuação frente à sociedade.

Palavras-chave: Educação sexual; Educação infantil, Sexualidade, Pedagogia, Infância.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Tatiana Aparecida de; BONNE, Maruza Brasil. **SEXUALIDADE: O DESAFIO DESSA QUESTÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. 2017. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/sexualidade-o-desafio-dessa-questao-na-educacao-infantil-.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2023.

BRASIL. UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Miranda, Amanaiara Conceição de Santana. **Sexualidade e gênero na educação infantil** / Amanaiara Conceição de Santana Miranda. - Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019

PARANÁ. Superintendencia da Educação. Departamento da Diversidade - Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **SEXUALIDADE**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2009. 218 p.

REIS, Fernanda; MUZZETI, Luci Regina; LEÃO, Andreza Marques de Castro. **SEXUALIDADE E INFÂNCIA: contribuições da educação sexual em face da erotização da criança em veículos midiáticos**. *Revista Contrapontos*, [S.L.], v. 14, n. 3, p. 634-650, 30 out. 2014. Editora UNIVALI. <http://dx.doi.org/10.14210/contrapontos.v14n3.p634-650>.

SANTOS, Inaiá Alves dos; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. **Orientação Sexual nos anos iniciais do Ensino Fundamental: Possibilidades e Desafios**. *Rev Eletrônica Saberes da Educação*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 1-17, dez. 2013.

SUPLICY, M. **Papai, mamãe e eu: desenvolvimento sexual da criança de zero a dez anos**. São Paulo: FTD, 1999.

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ. Superintendencia da Educação. Departamento da Diversidade - Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **Educação Infantil x Sexualidade**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2017. 27 p.

YANO, Karen Murakami; RIBEIRO, Moneda Oliveira. **O desenvolvimento da sexualidade de crianças em situação de risco**. *Rev Esc Enferm Usp*, São Paulo, v. 45, n. 6, p. 1315-1322, abr. 2011.